

Para atingir sustentabilidade, 3º setor pode precisar assimilar práticas empresariais

Stefano Azevedo



“A arrecadação não é a métrica final para o terceiro setor, mas é o meio para atingir a ampliação da atuação social. Por isso, as instituições não devem depender unicamente de doações e patrocínios, mas sim buscar maneiras de gerar os próprios recursos”.

A afirmação é do diretor-geral do Instituto Empreender Endeavor, Paulo Veras. Ele participou do debate Medindo Impactos, que ocorreu na 2ª Conferência Internacional Inovação para o Terceiro Setor: Sustentabilidade e Impacto Social, realizada entre os dias 6 e 8 de agosto, na cidade de São Paulo (SP).

Para o representante da Fundação Avina, Valdemar Neto, também presente no debate, não é clara a diferença entre a busca pela sustentabilidade e a entrada em uma lógica empresarial. “Existe uma zona cinzenta entre o mundo empresarial e o terceiro setor, em que nem sempre podemos determinar qual é a área de atuação reservada para cada um”, disse.

Embora identifique esses espaços de contato, Neto colocou que cada setor tem seu próprio espaço de ação, situação que não foi resolvida pelas organizações não-governamentais. “Há limites entre empreender socialmente e empreender na área de negócios”, disse.

O representante da Avina citou a avaliação de resultados como parte integrante dessa zona cinzenta. “Medir o desempenho de sua atuação é uma prática generalizada no setor privado, no entanto ainda é um desafio para o terceiro setor”, disse.

Para Veras, é preciso conhecer os resultados da atuação social, mesmo que tal tarefa seja dispendiosa e as organizações do terceiro setor resistam em dedicar tempo e pessoas a isso. “Além de tudo, é necessário estabelecer métricas adequadas para cada situação, não há uma regra geral, aumentando o trabalho. Mas é imprescindível medir a transformação social, pois não é suficiente agir sem verificar os resultados na sociedade”, ressaltou.

Disponível em: <<http://envolverde.ig.com.br>>. Acesso em 14 ago. 2008